

## Entrevista

### A Dimensão crítica da EPC e sua luta epistemológica

**Cesar Bolaño**

Possui graduação em Comunicação Social Com Habilitação Em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1979), mestrado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1986) e doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Foi o fundador da Rede EPTIC, o primeiro presidente da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura e presidente da Asociación latinoamericana de los investigadores de la Comunicación – ALAIC. Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal de Sergipe e diretor da Revista Eptic online.

**Por Alain Herscovici**

### **Qual é a contribuição da Economia Política da Comunicação (EPC) às Ciências da Comunicação e à própria Ciência Econômica? Em que medida a EPC pode contribuir à redefinição do campo de estudo e do próprio objeto de estudo dessas duas disciplinas científicas?**

A EPC é um campo de estudos com larga tradição na área de Comunicação, que remonta, no caso anglo-americano, aos anos 60 do século passado. Na verdade, diferentes tradições surgiram isoladamente, em diferentes regiões. Na França, por exemplo, a área era conhecida originalmente como Economia da Comunicação e da Cultura (ECC). A sua transformação se deu posteriormente, a partir do momento em que esse subcampo começa a unificar-se em nível internacional, basicamente pela ação aglutinadora da sessão de Economia Política da IAMCR/AIERI/AIECS, a partir de 1992, eu diria. A denominação EPC deve-se a sua origem no interior do campo da Comunicação, mas o objeto de estudo específico foi-se ampliando na obra de diferentes autores, para incluir a informação, o conhecimento, as telecomunicações,

a informática. A fronteira do conhecimento em que se situa, em todo caso, é aquela das Ciências Sociais, especialmente a Economia Política, e os estudos de Comunicação. Com o advento da Internet, em particular, esses diferentes objetos tendem a convergir e a EPC talvez seja a única disciplina acadêmica que tem tido a capacidade de enxergar o processo em sua totalidade, em função da sua inerente interdisciplinaridade. As especificidades do objeto, no que se refere tanto à Economia Política (como as peculiaridades dos processos de trabalho e de valorização), quanto à Comunicação (as questões que enseja para o conceito de mediação, por exemplo) colocam desafios teóricos de importância para ambas disciplinas. No limite, tendo em vista a importância crescente dos referidos setores econômicos que a denominação engloba, os próprios fundamentos dessas disciplinas podem ver-se questionados, mas isso é uma questão de pesquisa.

### **Quais foram, segundo você, os trabalhos fundadores da EPC, em nível mundial, e em nível latino-americano?**

Em nível mundial, os fundadores são bem conhecidos: Baran e Sweezy, Dallas-Smythe e Herbert Schiller são os primeiros. Depois viriam as contribuições europeias e latino-americanas. O mais importante deles talvez seja Raymond Williams, que influenciará tanto os estudos ingleses como os franceses, tanto a EPC quanto os Estudos Culturais ingleses. Também Enzensberger terá uma influência crucial sobre o pensamento da escola francesa, ao lado de Jacques Attali. Ainda na França, eu citaria, além do mais conhecido, Bernard Miège, o Dominique Leroy, com seu trabalho clássico sobre as artes do espetáculo, que influenciará decididamente o mais importante dos autores da segunda geração da escola francesa, Alain Herscovici. Nessa segunda geração, eu incluo também os principais nomes espanhóis e quebequenses. Na Inglaterra, há muitos nomes, como Nicholas Garnham, Graham Murdock ou Peter Golding. Nos Estados Unidos há também uma segunda geração notável, em que se destacam nomes como Vincent Mosco e Janet Wasko. Essas escolas anglófonas influenciaram ainda muitas outras áreas geográficas, como se pode observar na participação nos congressos da IAMCR/AIERI/AIECS. A América Latina constitui um caso muito particular, pois o pensamento crítico em Comunicação assumiu aqui inicialmente a forma de Teorias da Dependência e do Imperialismo Cultural. A EPC latino-americana surge nos anos 1980, em diálogo com essa tendência anterior e não com a EPC europeia ou mesmo a norte-americana. Os primeiros trabalhos foram os de Schmucler, colaborador de Mattelart (que tem um lugar aparte nessa história, pois representa a influência do pensamento latino-americano na formação da EPC europeia e francesa), e Eriberto Muraro, na Argentina, Patricia Arriaga, no México, Diego Portales, no Chile, entre outros. Marques de Melo, como Valério Brittos, situa o nascimento do campo no Brasil, com a publicação de meu primeiro artigo na RBCC, em 1987, precedendo de um ano o livro de 1988 (Mercado brasileiro de televisão). Antes de mim, na linha das Teorias da Dependência, outros autores já haviam trabalhado temas referentes às relações entre

Comunicação e Capitalismo, como Sergio Capparelli, que depois desenvolveria trabalhos muito ligados à escola francesa, ou Luis Gonzaga Motta, um dos fundadores da ALAIC. A fundação do campo se dará, no entanto, com sua revista, seus grupos de trabalho e programas de pesquisa, ao longo dos anos 1990, com a criação do portal EPTIC, da revista EPTIC Online e posteriormente da ULEPICC.

### **Quais são as especificidades da EPC em relação às análises já realizadas no campo da Comunicação e da Economia?**

A grande especificidade da EPC frente a essas duas disciplinas, na minha própria definição, é a articulação da problemática da subsunção com a da mediação, estendendo a Crítica da Economia Política para a Crítica da Comunicação e da Cultura, o que significa um passo importante no conhecimento da totalidade das relações sociais capitalistas, livre de alguns fardos do passado.

### **Como se manifesta a dimensão crítica que caracteriza a EPC?**

A EPC se distingue da pura Economia da Comunicação, ou da Economia da Cultura, com enfoques mais ortodoxos, por situar-se essencialmente no campo do marxismo, ainda que importando elementos importantes de outras escolas de pensamento econômico, como a microeconomia heterodoxa, no meu caso e de Valério Brittos. No campo sociológico, há um diálogo direto com as diferentes teorias críticas da sociedade, inclusive a velha Escola de Frankfurt e os trabalhos de Bourdieu, mas também com os Estudos Culturais e amplos setores do campo da Comunicação. Um aspecto central para a definição da EPC como teoria crítica é o seu engajamento nas lutas sociais pela democratização das comunicações.

### **É possível caracterizar uma escola latino-americana da EPC? Em que medida esta escola se diferencia da Escola francesa, ou da escola dos Estudos Culturais, por exemplo?**

A escola brasileira, se considerarmos o meu próprio trabalho, mais especificamente o segundo (Indústria Cultural, Informação e Capitalismo), realiza uma crítica detalhada (interna e externa) da velha ECC francesa, a qual, por exemplo, negligencia o estudo da con-

corrência. Com relação aos Estudos Culturais, as diferenças são óbvias, visto que se trata, no caso dos latino-americanos, de duas vertentes de crítica às Teorias da Dependência Cultural. No primeiro caso, trata-se de um “recurso crítico” a Marx (o que é o programa de todas as escolas da EPC em nível mundial) para esclarecer pontos nebulosos da perspectiva anterior, enquanto que no segundo, trata-se de uma crítica inicialmente influenciada por um certo marxismo, mas que em seguida abandonará essa perspectiva, considerada economicista, em favor do pensamento dito pós-moderno, redundando no relativismo e, paradoxalmente, em outro tipo de determinismo, mais grosseiro, tecnológico.

**Em que medida os desenvolvimentos propiciados pelas TIC permitem questionar e, eventualmente, reformular as ferramentas teóricas utilizadas pelos estudos em EPC?**

Trata-se também de uma questão para pesquisa. Dou apenas um exemplo: a ECC francesa sentiu profundamente o impacto da Internet. A ideia de economia dos contadores, por exemplo, de Miège, mostrou-se bastante insuficiente e de fôlego curto. Gaëtan Tremblay e seu grupo, ao contrário, avançaram mais com o conceito de clube, importado dos economistas, que Alain Herscovici e eu também utilizamos. Se pensarmos nos puros termos de uma economia das indústrias culturais (de onda ou de edição), nos escapará o aspecto central, que é a sua convergência com a economia das telecomunicações (redes) e da informação, criando uma espécie de híbrido para cuja análise a velha ECC não estava aparelhada. Entre os franceses, quem avança mais nessa área é o próprio Herscovici, mas trocando em boa medida a tradição da ECC pelo pensamento econômico heterodoxo. Do ponto de vista da teoria do valor e do enfoque sociológico de fundo, no entanto, não há muita diferença com a sua perspectiva de origem, radicalmente francesa. Em certos aspectos há mesmo um aprofundamento nessa linha da interpretação de certos fatos que eu próprio avalio de outra maneira.

**Você acha necessário e importante dissociar as análises realizadas em termos de EPC e uma atuação militante nos campos da Cultura, da Informação, do Conhecimento e da Comunicação? Porquê?**

Acho que não se pode dissociar a teoria das lutas sociais porque senão estaremos negando a ideia de práxis, que é a característica fundamental do pensamento crítico. É isso que nos distingue.